



UFSM

Artigo Monográfico de Especialização

**O ALUNO SURDO COM DÉFICIT COGNITIVO E A
DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Albino Bersagui

Santa Maria, RS, Brasil.

2010

**O ALUNO SURDO COM DÉFICIT COGNITIVO E A
DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO
FÍSICA.**

por

Albino Bersagui

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Especial.**

**Santa Maria, RS, Brasil.
2010**

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Especialização em Educação Especial - Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo
Monográfico de Especialização.

O Aluno Surdo com Déficit Cognitivo e a Dificuldade de
Aprendizagem na Educação Física.

Elaborado por
Albino Bersagui

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de
Surdos

COMISSÃO EXAMINADORA:

Ana Luisa Borba Gediel
(Presidente/Orientador)

Aline Dubal Machado
(Parecerista)

Anelise dos Santos da Costa
(Parecerista)

Santa Maria, RS, Brasil.
2010

RESUMO

Artigo de Especialização
Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação
de Surdos
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil.

O Aluno Surdo com Déficit Cognitivo e a Dificuldade de Aprendizagem na Educação Física.

AUTOR: ALBINO BERSAGUI
ORIENTADOR: ANA LUISA GEDIEL
SANTA MARIA

O artigo monográfico intitulado “O Aluno Surdo com Déficit Cognitivo e a Dificuldade de Aprendizagem na Educação Física” teve como principal objetivo identificar as principais dificuldades apresentadas por um aluno diagnosticado com déficit cognitivo nas aulas de Educação Física. Participaram deste estudo a família e os professores da Escola Municipal de Ensino Especial para Surdos em que este aluno estuda, em uma turma de Progressão Um do Ano Ciclo Um. A metodologia utilizada neste estudo é de ordem qualitativa, sendo realizadas entrevistas com os pais e os professores, além da realização de observações no ambiente escolar de sala de aula e durante as atividades nas aulas de Educação Física. A partir das dimensões teóricas abordadas e a análise dos dados coletados, os resultados indicaram que o aluno apresenta dificuldades de orientação, em relação a sua lateralidade e percepção espacial, em atividades de deslocamento como também em jogos e atividades coletivas. Entretanto, percebe-se que no decorrer das atividades em sala de aula, em que se faz necessário o uso do caderno, que não ocorre à mesma dificuldade.

Palavras-chave: déficit cognitivo; educação física; lateralidade; percepção espacial.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	3
2. CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO	6
2.1. CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO	8
2.1.1. Entrevista com a Mãe	8
2.1.2. Entrevista com os professores.....	9
2.1.3. Observação das Aulas de Educação Física	10
3. ANÁLISE DOS DADOS.....	12
4. REFERENCIAL TEÓRICO	16
4.1. Perspectivas da Educação Inclusiva nas Aulas de Educação Física	16
4.2. Lateralidade e Percepção Espacial.....	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20

1. APRESENTAÇÃO

Dentre as várias definições sobre o conceito da Educação Física como disciplina, nesse estudo pretende-se abordar a idéia de atuação pedagógica na escola, preponderando os conhecimentos denominados “cultura corporal” (Soares, et al. 1992, p. 61). No que diz respeito às produções de cultura corporal, algumas foram incorporadas pela Educação Física em seus conteúdos, tais como: o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta (PCN, 1997, p.26). Dessa forma, pode-se considerar que a educação física busca oferecer aos alunos o desenvolvimento integral, no aspecto motor e na aptidão física. Procura ainda, proporcionar aos alunos de ensino fundamental e médio uma prática reflexiva sobre seus próprios corpos. Nas aulas de educação física torna-se evidente os aspectos corporais do aluno e que a aprendizagem está vinculada à prática corporal do mesmo, porém, faz-se importante ressaltar que são considerados os aspectos cognitivos, afetivos e sociais a partir das ações cotidianas dos alunos.

Conforme a abordagem desenvolvimentista apresentada por HARROW (1983), os processos de crescimento, desenvolvimento e aprendizagem motora das crianças costumam seguir uma determinada sequência e fases de acordo com a faixa etária que se encontram. Essa sequência, segundo o autor, inicia com os movimentos reflexos que compreendem a vida uterina até os quatro meses após o nascimento; as habilidades básicas que envolvem manipulação e locomoção; habilidades específicas vinculadas às atividades mais complexas dos movimentos do esporte (chute, manchete, arremesso) e a comunicação não-verbal que se expressa como, por exemplo, na dança e na ginástica rítmica.

Este processo de desenvolvimento independe da criança ser surda ou ouvinte. O fato de a criança ser surda não impede que ela aprenda e passe por estas etapas de desenvolvimento motor, não havendo, portanto, nenhuma restrição à prática de atividade física. Entende-se que o desenvolvimento psico-social e linguístico da criança surda podem ocorrer de maneira íntegra a partir da inserção da mesma em ambientes que ofereçam subsídios para a aquisição da linguagem e interação social (Góes, 1999). Destaca-se aqui a importância

da aquisição e uso da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS ¹ para crianças surdas, modalidade de linguagem gestual-visual, no intuito de socialização e inserção à sociedade como cidadãos, apropriando-se de um espaço de comunicação e interação com o meio (Skliar, 1998).

O desenvolvimento e a aprendizagem motora da criança surda poderão apresentar dificuldades se a mesma possuir algum déficit seja cognitivo ou motor. Esta pesquisa tem como objetivo observar a aprendizagem na educação física, de um aluno surdo, denominado aqui como João² que foi diagnosticado com déficit cognitivo. Dessa forma, a investigação centra-se em entender as dificuldades apresentadas a partir da interação com este aluno surdo, que frequenta o ensino fundamental da EMEES³ - Escola Municipal de Educação Especial para Surdos, em Gravataí. Especificamente são abordadas as questões em relação à lateralidade e estruturação espacial nas atividades desenvolvidas durante as aulas de educação física, com a intenção de apresentar possíveis propostas de atividades que possam auxiliar no processo ensino-aprendizagem.

Neste caso, a lateralidade na definição de LE BOULCH (1982), é a função da dominância, a qual tem um dos hemisférios como iniciativa da organização do ato motor. A estruturação espacial do aluno é “a tomada da consciência da situação do próprio corpo no meio ambiente, ou seja, do lugar que ocupa em relação às pessoas e os objetos” (MEC / SEESP, 1994). Neste sentido, pretendo investigar algumas dificuldades encontradas no ensino-aprendizagem, voltadas as atividades de educação física, que este aluno com déficit cognitivo apresenta, pois segundo Le Boulch (1982) nesta etapa da aprendizagem escolar ele já deveria estar dominando estes processos de lateralização e estruturação espacial.

¹ Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – é uma Língua visual-espacial articulada por meio das mãos, das expressões faciais do corpo, utilizada por parte da comunidade surda brasileira. Reconhecida desde 2002 pela Lei 10436, como língua oficial no Brasil.

² Nome fictício utilizado para adequar-se às questões éticas de pesquisa.

³ EMEES – é uma escola bilíngue especial para surdos que utiliza a Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS como língua de instrução e a Língua Portuguesa como meio de escrita.

Para a identificação e reflexão sobre as noções de lateralidade e de percepção espacial do aluno João, as práticas do ensino-aprendizagem propostas foram a partir dos jogos de aquecimento, sendo possível realizar observações no decorrer das aulas. Atividades como, por exemplo, jogo dos dez passes, jogos de futsal e handebol foram realizadas nas aulas de educação física, que aconteceram nesta escola.

Nas práticas escolares referentes à educação física para pessoas surdas, nos esportes e nas brincadeiras não há a necessidade de adaptação de regras. Segundo SANTOS (2005), as regras devem ser explicadas utilizando a LIBRAS e para arbitrar, ao invés de utilizarmos um apito devemos utilizar algum tipo de sinalizador como, por exemplo, um pano, preferencialmente de cor vibrante para chamar a atenção visual do aluno surdo. Os alunos surdos, portanto podem realizar qualquer tipo de atividade física, brincadeiras, esportes, vivências corporais, usufruindo o que a educação física oferecida na escola proporciona enquanto componente curricular.

Conforme a construção e organização do presente artigo monográfico, a estrutura do trabalho articula-se nas seguintes seções: Caminho Investigativo, cujo conteúdo visa uma melhor compreensão de como se construiu a pesquisa, delineando os elementos teórico-metodológicos que sustentam a mesma; Análise de Dados, que proporciona um espaço de discussão acerca das observações e entrevistas realizadas; Constituição do Referencial Teórico com os pressupostos teóricos que subsidiam o estudo; e, Considerações Finais, em que são tecidas as conclusões do estudo, contendo juntamente algumas reflexões sobre a problemática abordada.

2. CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO

O presente trabalho procura compreender as ações e relações que um aluno surdo com déficit cognitivo desenvolve no seu dia a dia nas suas atividades em sala de aula e nas aulas de educação física. Para tanto foi elaborado um roteiro de trabalho que envolveu: a observação diária nas aulas de educação física; entrevista com a mãe do aluno, para conhecer mais especificamente sobre sua vida antes de entrar na escola; e conversa com suas professoras, com o objetivo de conhecer o processo de aprendizagem desenvolvido em sala de aula.

A opção do autor por realizar uma Pesquisa Qualitativa foi devido ao fato de que esse método “busca por respostas para perguntas que destacam o modo como as experiências educacionais, pedagógicas e sociais no contexto das instituições educacionais acontecem..., atribuindo significados aos fatos, fenômenos e acontecimentos”. (Possa, 2008, p.144).

A forma de coleta de dados na escola foi à Observação Participante que segundo Lakatos (2009, p.196) “consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste”, pois o autor já atuava na escola e também era o professor da turma na qual o aluno pesquisado fazia parte (ver termos de consentimento anexos 1 e 2).

As entrevistas utilizadas junto à família e às professoras foram do tipo estruturada. Segundo Leite (2008, p. 105) “é aquela em que o entrevistador cumpre um roteiro previamente determinado, realizada segundo um formulário elaborado, sendo ainda, efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um planejamento prévio”. Tendo em vista o cumprimento dos objetivos, as entrevistas foram percebidas como a forma mais adequada, em conjunto com as demais técnicas citadas, para colher informações específicas sobre o aluno pesquisado.

Ao começar a trabalhar na EMEES em 2005 o autor realizou seu primeiro contato com o aluno João (nome fictício), e percebeu que o mesmo apresentava uma deformação física nos membros inferiores, denominada, clinicamente, de Geno Varo, ou seja, as pernas tortas e os pés um pouco

voltados para dentro; e sua marcha apresentava-se bamboleante. Apresentava também, dificuldades em corridas e saltos. Estas observações despertaram o interesse sobre seu caso e a investigar, futuramente, junto à equipe diretiva da escola sobre a vida pregressa do aluno antes de sua entrada na escola e, posteriormente, sua vida escolar na EMEES.

No dia a dia da escola foi observado que o aluno João, ao realizar atividades coletivas como, por exemplo, jogo de futsal; handebol ou brincadeiras de deslocamentos, não apresentava a noção de direção, ou seja, não conseguia definir em que goleira deveria chutar ou arremessar. Confundia-se na direção da goleira de sua equipe ou da equipe adversária, ou ainda, para que lado deveria correr. Importa destacar que este fato não estava relacionado com as dificuldades motoras em função da deformidade dos membros inferiores. Esta dificuldade de definir para que lado deveria correr, bem como em que direção deveria chutar a bola ou arremessá-la, estava diretamente ligada à noção de lateralidade e de estruturação espacial.

2.1. CARACTERIZAÇÃO DO ALUNO

2.1.1. Entrevista com a Mãe

A entrevista com a mãe ocorreu de maneira formal e foi utilizada uma ficha de anamnese, baseada no Formulário de Avaliação Psicossocial (FERREIRA, 2005) com informações básicas sobre o histórico de vida do aluno em seus primeiros anos de vida antes de seu ingresso na escola, assim como informações sobre o seu nascimento e desenvolvimento. (anexo 3).

O aluno João, sexo masculino, nasceu em 14 de janeiro de 1989 e quanto aos acontecimentos antes, durante e pós a gestação todos foram normais. A idade materna, no momento do parto, era de 18 anos. O aluno João, nasceu com idade gestacional de 42 semanas, de parto normal, sem complicações. Logo após o parto o aluno João (nome fictício), ficou internado no hospital, pois apresentava infecção sanguínea e por isso não mamou no peito da mãe. É importante salientar que, pelo que a mãe relata, no início da entrevista, não houve motivos clínicos para que o aluno João nascesse com problemas como observaremos a seguir.

A mãe percebeu que o filho era surdo próximo de dois anos de idade, engatinhou a partir dos três anos e caminhou aos quatro anos de idade. Este atraso na locomoção, tanto no engatinhar como no caminhar, ocorreu por ter nascido com os joelhos e os pés voltados para dentro, o que caracteriza uma deformidade denominada de Geno Varo, ou seja, uma deformação nos membros inferiores. João realizou duas cirurgias corretivas, uma realizada aos oito meses para correção dos pés e outra aos três anos para correção de luxação nos joelhos e alongamento dos tendões. Foi após esta cirurgia que, segundo a mãe, além de começar a se locomover ele também passou a controlar os esfíncteres. Também, segundo a mãe, ele apresentava um sono tranquilo e calmo nos primeiros anos de vida. Na casa onde reside também moram o padrasto e mais cinco irmãos. O irmão mais novo também é surdo e estuda na EMEES, o mesmo apresentava problemas nos membros inferiores semelhantes a o caso estudado, sendo que por muito tempo necessitou de um andador para poder se locomover.

O nível de escolaridade dos pais é fundamental incompleto, sendo que o pai completou até a terceira série e trabalhava como carroceiro fazendo serviços de transportes. Já a mãe concluiu até a quarta série do ensino fundamental e é dona de casa.

Na época que o aluno João era pequeno a família morava nas margens do arroio Barnabé, na cidade de Gravataí. Pelo fato de seu filho ser surdo, sua mãe começou a se preocupar com a segurança do mesmo e, a partir do momento que o João começou a engatinhar e a caminhar, ela tomou como providencia colocar o filho em um pequeno cercado de madeira, impossibilitando que o mesmo fosse em direção ao arroio ou a rua, pois a casa antiga não tinha muro. Esta atitude segundo a mãe tinha por único objetivo zelar pela segurança da criança.

O ingresso na vida escolar ocorreu aos nove anos de idade e foi na EMEES.

2.1.2. Entrevista com os professores

A entrevista com as professoras seguiu algumas perguntas orientadas, conforme anexo 4. A professora L. no ano de 1999 trabalhava na escola, desempenhando o cargo de diretora, quando o aluno ingressou e fez algumas observações.

Segundo a professora L., na época do ingresso na escola, a criança apresentava poucas noções de higiene corporal e muitas vezes a escola serviu como local de realizar higiene pessoal assim como as refeições. Em relação aos deslocamentos apresentava dificuldades de locomoção, tanto no caminhar, como de correr, pular, saltar e também dificuldades de trabalhar com o toque no próprio corpo e no corpo de colegas dando sinais de dificuldades na propriocepção.

A professora R que trabalhou no ano letivo de 2009, com as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, relatou que o aluno apresentava dificuldades para se expressar, tinha um excelente vocabulário, mas ainda organizava frases de maneira muito simples e que, muitas vezes, necessitava de apoio lúdico como, por exemplo, desenhos. “Utilizava muito bem o espaço

no caderno, mas apresentava dificuldades em utilizar folhas em branco” cita a professora R.

As atividades mais complexas eram realizadas com a ajuda da professora e dos colegas, também utilizava um dicionário em que ele mesmo escrevia as palavras para orientar-se.

Conforme o relato das professoras, João não demonstrava problemas na utilização do caderno ou na transcrição do que estava escrito no quadro para o caderno. Ele apresentava, sim, dificuldades na elaboração das atividades que exigiam maior concentração ou maior conhecimento, como por exemplo, o raciocínio lógico matemático, a compreensão de ordens complexas onde precisava utilizar-se de dois ou mais conhecimentos. Exemplificando: a construção de uma determinada frase onde necessitava utilizar as palavras que conhecia e ordená-las para compor uma frase mais elaborada, características estas de um aluno, como descrito acima, que apresenta déficit cognitivo.

2.1.3. Observação das Aulas de Educação Física

Em relação às observações realizadas com o aluno João nas aulas de Educação Física, sua dificuldade começou a tornar-se mais evidente, quando da aprendizagem dos jogos coletivos de invasão de futsal e handebol, onde era necessário atuar junto aos demais colegas de seu grupo e do outro grupo participante da atividade. Sua percepção de grupo e de quem fazia parte de seu “time” e do adversário, não acontecia de acordo com o combinado antes da atividade. Ao passar uma bola para alguém, ele passava para qualquer colega, sem distinguir se era de seu grupo ou do grupo adversário ou, ao chutar a bola não distinguia se era em sua própria goleira ou da equipe adversária.

Em algumas situações em que deveria tentar pegar a bola, ele tomava-a de sua própria equipe e entregava para os oponentes, ou começava a conduzir a bola para o lado da equipe adversária e, em um pequeno instante, tomava a direção oposta, e chutava ou arremessava contra sua própria goleira.

Observa-se que sua dificuldade de lateralidade, em relação ao lado que deve defender ou atacar, durante os jogos, era muito dispersa, ou seja, a noção exata de quem defende um grupo precisa ir à direção oposta, não estava acontecendo.

É considerada uma regra básica nos jogos de invasão como, por exemplo, o futsal e o handebol, onde duas equipes se enfrentam e se faz necessário que um tome a bola do outro, com o objetivo de marcar gols e vencer o adversário. No caso do aluno João, ele não apresentava a noção de dois grupos distintos, utilizando o mesmo espaço e disputando a mesma bola, onde um grupo defendia um determinado lado e atacava para o outro lado da quadra. Ele passava a bola para ambos os colegas, sem perceber que naquele espaço havia dois grupos distintos e que um desses grupos era o seu.

Ao ler os relatos das professoras, observa-se que isto não ocorria na escrita no caderno, ou seja, ele identificava com facilidade que a escrita deveria ocorrer da esquerda para a direita, começando na margem, que já vem desenhada no caderno.

Sua estruturação no caderno tinha como referência as linhas e a margem, mas como relata a professora, ele apresentava dificuldades em realizar tarefas em folhas em branco, sem linhas ou margens. Fazendo uma relação com a motricidade de João, esta dificuldade ocorria também na quadra esportiva, onde ele sabia que a bola estava fora, quando saía pelas linhas laterais ou de fundo. Porém, na realização de um jogo, ele corria atrás da bola e não conseguia contextualizar para identificar o grupo a que pertencia, e a quem deveria passar a bola ou arremessá-la na goleira adversária. Faltava-lhe a referência, não conseguia realizar e elaborar a compreensão de que deveria passar a bola, somente para seu grupo ou colegas de equipe.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Como podemos observar na entrevista com a mãe do aluno João, só foi percebido que o filho era surdo quando ele tinha aproximadamente dois anos. Na conversa com a mesma percebe-se que o seu conhecimento de LIBRAS não era muito significativo e não aconteceu de forma a ajudar o aluno João em casa, sendo este, um dos motivos pelos quais a mesma não se utilizava de sinais para comunicar-se com o filho. Ao observar que em casa o aluno João não tinha contato com LIBRAS, assim como parecia ter poucas experiências de vivência e socialização desta língua com algum adulto surdo, pode-se entender a dificuldade apresentada por ele na aquisição da mesma.

“A aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS foi muito demorada”, descreve a professora L, que observou que, com o passar do tempo a memória de João em relação aos sinais, era boa, assim como o seu desenvolvimento relativo à escrita sinalizada. Entretanto, João somente repetia os sinais memorizados, não apresentando compreensão da mensagem e, conseqüentemente, da aprendizagem proposta pelos professores. Ele também apresentava dificuldades de raciocínio lógico matemático. Uma característica era a dispersão com facilidade nos trabalhos propostos, imitava o que lhe era proposto, sabia sinais, mas não demonstrava compreensão de ordem simples.

Outra professora, D, que trabalhou por três anos com o aluno João, observou um crescimento no decorrer deste período. Ressalta que, ele não apresentava autonomia e necessitava constantemente de apoio de desenhos para realizar determinadas tarefas propostas. Mas ao término de seu terceiro ano, como professora do aluno João, ela já percebeu um pouco mais de clareza nas produções do aluno, sejam elas textuais ou nas sinalizações durante os diálogos.

Em relação ao conhecimento de seu próprio corpo, observou-se que João apresentava uma percepção espacial superficial ou distinta de seu corpo, levando em consideração as dificuldades apresentadas pelo aluno ao movimentar-se, de contextualizar o espaço e que a classe era o lugar mais seguro para ele, como relata a professora D. Isto demonstra que o aluno João não dominava ainda seu corpo e não tinha noção de deslocamentos no espaço, isto vem ao encontro do que nos diz LE BOULCH sobre a exploração

do espaço, que começa desde o momento em que a criança fixa o olhar em um objeto e depois tenta agarrá-lo (LE BOULCH, 1982), começando assim, a vivência espacial. A estruturação do espaço vai permitir que a criança possa movimentar-se, reconhecer-se, localizar partes de seu corpo, coordenar suas atividades e organizar sua vida cotidiana. Toda esta percepção de mundo tem o corpo como termo de referência.

Vamos perceber esta utilização da noção de espaço em relação ao descrito pela professora D que nas atividades realizadas no caderno com linhas ele tinha bom resultado, mas nas folhas em branco ele apresentava dificuldades, faltava referência do espaço a ser utilizado.

Em relação ao grafismo e a imagem corporal apresentada pelo aluno João o mesmo ainda estava em uma fase inicial, se comparado com as fases do grafismo e a imagem corporal citados por LE BOULCH:

“primeira representação figurada situa-se em torno dos três anos; consiste em uma figura circular com linhas irregulares..., pouco depois dos três anos a criança desenha um círculo com os olhos, nariz, a boca..., aos quatro anos um círculo representará a cabeça com os olhos, o nariz e a boca e um segundo círculo representará o tronco de onde partem os membros..., aos cinco anos aparece a figuração das mãos e dos pés...” (LE BOULCH, 1982, p.99 - 100).

Conforme as fases destacadas pelo autor observa-se no relato da professora D de que “o seu desenho era muito primitivo podendo ser comparado a uma criança que ainda esta construindo a imagem corporal”. Sendo assim, compreende-se que João apresentava algumas das características de cada fase. Isso também pode ser verificado a partir da entrevista com a mãe. A mesma relata que o filho nasceu com os pés e os joelhos voltados para dentro e que realizou cirurgias para correção destas deformidades que denominamos clinicamente de *Geno Varo*.

As deformidades dos membros inferiores, de acordo com a parte dos membros atingidos são definidas clinicamente segundo Alcântara (2009), como *Geno Varo* quando do tipo Angular e, tem as seguintes características: é do desenvolvimento, ou seja, pode ser fisiológico, clinicamente se evidenciam as pernas arqueadas, tortas ou de cavaleiro; a deformidade consiste em marcha

bamboleante e pés para dentro; a radiografia não demonstra nenhuma alteração ao nível da placa epifisária.

Em relação ao conceito de lateralidade pode-se perceber que a lateralidade é função da dominância, tendo um dos hemisférios a iniciativa da organização do ato motor (LE BOULCH, 1982), ou seja, a dominância de um lado do corpo, em relação ao outro, nos níveis de força e precisão de movimentos que envolvem exercícios com os membros inferiores, superiores e com os olhos, começa a se desenvolver desde o nascimento. Porém, é a partir dos dois anos, segundo LE BOULCH, que as crianças começam a apresentar uma predominância lateral e, no caso do aluno João, as atividades que envolviam deslocamento da direita para esquerda ou vice versa, eram de difícil realização, pois não apresentava esse domínio em relação a sua lateralidade. Mesmo que estas atividades eram orientadas por uma cor que significava para que lado devesse correr.

Observa-se que sua dificuldade de lateralidade, em relação ao lado que deve defender ou atacar, durante os jogos, era muito dispersa, ou seja, a noção exata de que defende um grupo e, por isso precisa ir em direção oposta, não estava acontecendo ou apresentava muitas dificuldades de compreensão. Faltava ao aluno João, a noção de corpo próprio, que era seu centro de referência, a partir do qual tudo é organizado. Segundo LE BOULCH (1987, p. 225) “será necessário que a criança possa escolher outros pontos de referência: tal ou qual pessoa, este ou aquele objeto para centrar seu espaço de ação. Esta nova possibilidade surge quando a criança é capaz de transferir as noções de direita- esquerda a outrem...” esta transferência de noção de direita esquerda, bem como para que lado chutasse ou arremessasse não era apresentado pelo aluno João durante as atividades.

Ao elaborar as aulas de educação Física para a turma em que o aluno João estudava procurou propor atividades que proporcionassem sua participação efetiva e produtiva e que, colaborasse com seu aprendizado. Todas as atividades buscavam contemplar a diferença entre os grupos que participavam, e que cada grupo defendia um lado do espaço, sempre enfatizando a necessidade de trabalhar junto a um companheiro de seu grupo, em detrimento aos colegas do grupo adversário.

A percepção do espaço de seu grupo era demarcada por algum tipo de sinal como, por exemplo, a colocação de panos de cor vibrante para identificar o espaço de seu grupo, e de outra cor, delimitando o espaço do grupo adversário. Ao serem desenvolvidas atividades que envolviam deslocamento da direita para esquerda ou vice versa, a mesma era orientada por uma cor que significava para que lado o aluno deveria correr. Os colegas de seu grupo utilizavam coletes bem coloridos para melhor identificar-se. Tais estratégias e propostas de trabalho foram utilizadas por um período para ver possíveis resultados no trabalho.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1. Perspectivas da Educação Inclusiva nas Aulas de Educação Física.

Segundo a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva:

“a educação inclusiva é uma ação política, cultural, social e pedagógica desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos aprendendo e participando sem nenhum tipo de discriminação... paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis...” (MEC/SEESP- Portaria Ministerial nº 555 e 948 de 2007)

A partir da perspectiva de inclusão, faz-se necessário atender a todas as necessidades dos alunos. Desse modo, ao retomar o contexto da pesquisa em questão, pode-se observar que quando um aluno surdo tem necessidades educacionais especiais, requer uma atenção especial nas aulas de Educação Física. Os comprometimentos físicos em membros superiores (braços), que não permitem, por exemplo, que ele pegue uma bola ou a arremesse, ou nos membros inferiores (pernas ou quadril) que impossibilitam atividade motora, onde o equilíbrio ou a postura do aluno não permite que ele permaneça em pé ou ande sozinho, exigem atividades de acordo com a sua limitação.

De acordo com Santos (2005, p.3) “quando a surdez é acompanhada de outra deficiência ou de algum outro comprometimento, as possíveis restrições estarão relacionadas a esses(s) outro(s) problema(s)”. Sendo assim o planejamento das aulas e a escolha das atividades propostas aos alunos surdos devem seguir os critérios básicos de uma aula como, por exemplo, em relação à idade, condições de saúde, desenvolvimento físico, motor e social dos alunos.

Um dos direitos básicos a serem garantidos na educação inclusiva aos alunos surdos é o ensino-aprendizagem da LIBRAS. Nessa perspectiva, a escola onde foi realizada a pesquisa adotou a concepção da educação bilíngüe. Em relação ao enfoque da educação bilíngüe, a utilização da “Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, além de ser um meio de comunicação, é vista

também como suporte do pensamento e estimulador do desenvolvimento cognitivo, social e cultural do sujeito surdo” (Fantinel, 2009, p.40).

A educação bilíngüe é a educação proposta às comunidades surdas brasileiras em que a língua de instrução para o ensino de todas as disciplinas é a Língua Brasileira de Sinais e é ensinada a escrita gramatical da Língua Portuguesa.

Além disso, pode-se descrever as adaptações de ordem motora. Segundo os PCN (MEC / SEF 1997), “garantidas às condições de segurança, o professor pode fazer adaptações, criar situações de modo a possibilitar a participação dos alunos especiais”. Este aluno, quando necessita de um andador, uma cadeira de rodas para locomover-se, ou uma bengala para equilibrar-se, exige atividades adaptadas que podem ser resolvidas ao propormos uma brincadeira, ou jogo, onde o aluno permaneça sentado, ou andando com o auxílio de um colega, por exemplo, sendo empurrado em uma cadeira de rodas para participar de uma corrida. Porém, quando o comprometimento é de ordem cognitiva, e não é visível, manifesta-se na execução ou na realização de atividades, brincadeiras ou jogos. Isso exige uma maior percepção do professor de Educação Física, que precisa intervir de maneira mais eficaz, para que o processo de ensino aprendizagem possa atingir este aluno de maneira mais eficaz, pois “a pessoa com déficit cognitivo, encontra dificuldades para se apropriar dos recursos culturais disponíveis na sociedade”, (Especialização Educação Especial 2009, módulo III p.19).

Segundo os PCN (MEC / SEF 1997), “é fundamental, entretanto que alguns cuidados sejam tomados e que se deve analisar o tipo de necessidade especial que esse aluno tem, pois existem diferentes tipos e graus de limitações, que requerem procedimentos específicos”. Ou seja, é importante que o professor de Educação Física tenha conhecimento sobre o tipo de déficit que este aluno tem qual o grau de comprometimento que ele apresenta quais as principais dificuldades nas aulas e como está a aprendizagem e a aquisição do conhecimento específico nas aulas.

4.2. Lateralidade e Percepção Espacial

Pode-se atribuir as dificuldades de lateralidade e percepção espacial, muitas vezes, a algum tipo de déficit cognitivo que, segundo o conceito da OMS, “é o funcionamento intelectual geral significativamente abaixo da média, oriundo do período de desenvolvimento, concomitantemente com limitações associadas a duas ou mais áreas da conduta adaptativa ou da capacidade do indivíduo em responder...”, (Menezes, 2009, p.27) ou a um déficit motor específico.

Em relação ao conceito de lateralidade que é a função da dominância, tendo um dos hemisférios a iniciativa da organização do ato motor (LE BOULCH, 1982), ou seja, a dominância de um lado do corpo, em relação ao outro, nos níveis de força e precisão de movimentos que envolvem exercícios com os membros inferiores, superiores e com os olhos, começa a se desenvolver desde o nascimento. Porém, é a partir dos dois anos, segundo LE BOULCH, que as crianças começam a apresentar uma predominância lateral e, no caso do aluno João, as atividades que envolviam deslocamento da direita para esquerda ou vice versa, eram de difícil realização, pois não apresentava esse domínio em relação a sua lateralidade. Neste caso também a percepção espacial e a estruturação espacial do aluno que é “a tomada da consciência da situação do próprio corpo no meio ambiente, ou seja, do lugar que ocupa em relação às pessoas e os objetos” (MEC / SEESP, 1994), não ocorriam, mesmo que estas atividades eram orientadas por uma cor que significava para que lado devesse correr.

A percepção do corpo é fundamental para uma boa exploração do espaço e percebemos quando LE BOULCH (1987, p.224) diz “As relações entre o corpo e os objetos, entre o corpo e as pessoas, colocam o problema de sua orientação recíproca e os exercícios devem ser centrados unicamente no corpo da criança”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação Física é um componente curricular e sua contribuição na aprendizagem do aluno tem muito significado, se levarmos em conta, que para ocorrer esta aprendizagem é de fundamental importância o domínio corporal, bem como a aquisição de conhecimentos específicos e básicos em relação a seu corpo. Como foi possível demonstrar, no decorrer deste trabalho, o aluno pesquisado apresentou algumas dificuldades de aprendizagem em relação a atividades que envolvem a orientação em relação percepção espacial e a lateralidade. Esta dificuldade aparecia, também, nas atividades em que ele não tinha referência para realizá-las, como por exemplo, na utilização de folhas em branco ou na ocupação do espaço na sala de aula. Ao elaborarmos as atividades para seu melhor desenvolvimento, constata-se que o aluno necessita de referências externas para poder melhor se organizar.

Ao término da pesquisa, percebe-se a necessidade de realizar um trabalho, cada vez mais especializado, para poder atender de forma adequada os alunos com necessidades especiais, especificamente, aqueles que apresentam algum tipo de déficit, seja ele cognitivo ou motor. Dessa forma, compreende-se, ainda, a real importância dos professores de Educação Física adequar-se aos conhecimentos da educação inclusiva, possibilitando ao aluno acesso e aprendizagem ao conteúdo. A perspectiva da educação inclusiva proporciona que os conhecimentos sejam aprendidos e apreendidos, de acordo com suas possibilidades, onde o próprio aluno regula sua aprendizagem enquanto sujeito. Sendo assim, o aprender passa a ser considerado uma ação individual, humana e criativa. O ato de ensinar seria uma ação coletiva, em que o professor disponibilizaria a todos os alunos, sem exceção, acesso a um mesmo conhecimento.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alcântara, J. G. **Deformidades dos membros inferiores**. Retido em 17 de fevereiro de 2010 no endereço eletrônico: www.cultura.ufpa.br/ortraum/docs/deformidades

Brasil. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros curriculares nacionais: educação física / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1997.

_____. MEC / SEESP. **Linhas programáticas para o atendimento especializado na sala de apoio pedagógico especificam**. Série Diretrizes. Brasília: MEC / SEESP, 1994b.

_____. MEC / SEESP. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555 de 05 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948 de 09 de outubro de 2007. Brasília: MEC / SEESP.

FANTINEL, Patrícia. **Escola, currículo e educação de surdos**. Curso de Especialização a Distância em Educação Especial: déficit cognitivo e educação de surdos: módulo II / [Melania de Melo Casarin... [et al.]. – Santa Maria: UFSM, CE, 2009.

FERREIRA, J. R. P. **Saúde escolar: aspectos biopsicossociais de crianças com dificuldades de aprendizagem**. Dissertação de mestrado. www.cefid.udesc.br/pos/defesa.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. **Linguagem, Surdez e Educação**. São Paulo: Autores Associados, 1999.

GO TANI... [et al.]. **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo, 1988.

HARROW, A. **Taxionomia do domínio psicomotor**. Porto Alegre; Globo, 1983.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamento de metodologia científica** / Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. -6ª. ed.-7ª.reimpr.-São Paulo:Atlas 2009.

LE BOULCH, JEAN. **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos 6 anos**. Porto Alegre; Artes Médicas, 1982.

LE BOULCH, JEAN. **Educação psicomotora: psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre; Artes Médicas, 1987.

LEITE, FRANCISCO TARCISO. **Metodologia científica**: métodos e técnicas de pesquisa: monografias, dissertações, teses e livros/Francisco Tarciso Leite. -Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008.

MENEZES, E C P. [et al.]. **Metodologia para o atendimento do aluno com déficit cognitivo**. Curso de Especialização a Distância em Educação Especial: déficit cognitivo e educação de surdos: modulo III. Santa Maria. UFSM. 2009.

POSSA. L. B. **Metodologia da pesquisa**. Curso de Especialização a Distância em Educação Especial: déficit cognitivo e educação de surdos: módulo I / [Ana Cláudia Pavão Siluk... [et al.] – Santa Maria: UFSM, CE, 2008.

SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SANTOS, D. A. **Atividades físicas para surdos**. Rio de Janeiro: INES, 2005.

SOARES, C.L; Taffarel, C. N. Z; Varjal, Elizabeth; Filho, L.C; Escobar, M.O; Bracht, Valter. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo; Cortez, 1992.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1

Autorização da Instituição para divulgação da Pesquisa



**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Marlei Urssulin da Rosa responsável pela instituição que foi realizada a pesquisa, autorizo o especializando Albino Bersagui a desenvolver neste estabelecimento de ensino o projeto de pesquisa intitulado: “O Aluno surdo com Déficit Cognitivo e a Dificuldade de Aprendizagem na Educação Física”, no Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos, bem como, divulgar o nome da instituição neste projeto de pesquisa.

Assinatura do Responsável

Santa Maria, maio de 2010.

ANEXO 2

Termo de Aceitação e Compromisso assinado pelo (a) responsável do aluno participante da pesquisa



**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e
Educação de Surdos
Acadêmica Albino Bersagui
Orientadora Ana Luisa Gediel**

TERMO DE ACEITAÇÃO E COMPROMISSO

Eu, _____, responsável por _____, aluno do 1ª Ano do Ciclo II do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Ensino Fundamental Especial para Surdos durante o ano de 2008 e 2009, participante do projeto de pesquisa intitulado O Aluno surdo com Déficit Cognitivo e a Dificuldade de Aprendizagem na Educação Física, desenvolvido nesta escola pelo acadêmico Albino Bersagui, especializando do Curso de Educação Especial pela Universidade Federal de Santa Maria, concordo em colaborar com o processo de pesquisa permitindo que se realize uma entrevista com o aluno e que esta possa ser mencionada sem alterações pelo pesquisador ao fazer o registro escrito e na defesa deste estudo, ressaltando que a identidade do(a) aluno(a) será mantidas em sigilo ao longo do processo.

Santa Maria, março de 2010

Responsável pelo aluno

Anexo 3

Formulário de informações sobre o aluno pesquisado

Questionário respondido pela () mãe () tia () avó

1. Como foi a gravidez. () normal () de risco.

Quais riscos? () Pressão alta () Infecção () Sangramento () Ameaça de aborto () choques emocionais () Outros _____

2. Durante a gravidez a mãe usou freqüentemente. () bebida alcoólica () cigarro () medicamentos () quais _____ () Drogas () outros _____

3. Qual foi a duração da gravidez. () menos de 32 semanas () 32 a 37 sem. () 38 a 42 sem. () acima de 42 sem.

4. Como foi o parto? () normal () Cesariana () Fórceps () outro _____.

5. A mãe teve complicações no parto? () sim () não. Quais? _____.

6. A criança teve complicações no parto? () sim () não. Quais _____.

7. Qual foi o peso da criança ao nascer? () menos de 2.500kg () entre 2.500kg e 3.000kg () entre 3.000kg e 4.000kg.

8. Qual a idade da mãe no momento do parto? _____.

9. Até que idade a criança mamou no peito? _____.

10. Com que idade começou a comer alimentos sólidos? _____.

11. Com que idade percebeu que a criança era surda? _____.

12. Com que idade a criança começou a gatinhar / arrastar pelo chão? _____.

13. Com que idade a criança começou a andar sozinha? _____.

14. Com que idade controlou: xixi _____ coco _____.

15. Como era o sono da criança no primeiro ano de vida? () agitado () tranqüilo.

16. Atualmente como é seu sono? () agitado () tranqüilo

17. Quantas horas a criança dorme atualmente? _____.

18. Onde a criança dorme atualmente? () sozinho () junto com _____.

19. Com quem a criança mora? () Pai () mãe () irmãos () tios, () avós () padrasto () outros. Quem? _____.

20. Quantos irmãos tem? _____

21. A ocupação do pai e a escolaridade? _____.

22. A ocupação da Mãe e a escolaridade? _____.

23. A condição da moradia da criança? () Casa própria () alugada () outros ____.

24. Qual a estrutura física da casa? () quarto () banheiro () cozinha.

25. Qual a renda familiar mensal da família? () Até um salário mínimo () de um a três salários mínimos.

26. Com que idade começou a freqüentar a escola?_____.

27. Qual escola?_____.

28. Algum fato marcante da vida da criança antes de ir para a escola _____.

Anexo 4

Ficha de informações escolares do aluno pesquisado

- 1 – Relate a vida escolar do aluno bem como seu desenvolvimento no período em que foi seu aluno.
- 2 – Aponte e descreva as dificuldades de aprendizagem apresentadas por este aluno na sua disciplina.
- 3 – Relacione as dificuldades apresentadas em relação a lateralidade e a estruturação espacial na sua disciplina.
- 4 – Quais eram as estratégias de trabalho específicas feitas para este aluno.
- 5 – O que era proposto como práticas pedagógicas específicas que facilitavam a aprendizagem deste aluno.
- 6 – como o aluno conseguia realizar as atividades mais complexas em que precisava utilizar mais conhecimento ao mesmo tempo.
- 7 – como era a gravura / desenho do aluno.